

Cultura e língua brasileiras: algumas influências africanas

(conferências no Colégio Luterano e Centro de Estudos Júlio Verne, 2019.

A edição preservou o tom coloquial das conferências)

Jean Lauand¹

Resumo: Notas de conferências para o Colégio Luterano São Paulo (pais e professores) e para o Centro de Estudos Júlio Verne (curso de formação de professores), sobre como identificar e valorizar a influência africana na língua e cultura brasileiras.

Palavras Chave: Visão do mundo. Português do Brasil. Educação. Influência africana na cultura brasileira.

Abstract: Notes of lectures at Colégio Luterano São Paulo and Centro de Estudos Júlio Verne on how identifying negro influence on Brazilian language and culture.

Keywords: Brazilian *Weltanschauung*. Brazilian Portuguese. Education. Negro influence on Brazilian culture.

Irene no céu

Irene preta
Irene boa
Irene sempre de bom humor.
Imagino Irene entrando no céu:
– Licença, meu branco!
E São Pedro bonachão:
– Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.
(Manuel Bandeira)

I. Algumas questões metodológicas

Embora habitualmente nos sintamos firmes e seguros a respeito de nossos conceitos e conhecimentos, se arranhamos, por pouco que seja, a superfície dessa consciência, verificamos imediatamente que nem sempre sabemos dar razão de nossas “certezas”. Quando somos indagados sobre as ideias fundamentais da realidade humana, balbuciamos como criancinhas.

Sabemos e não sabemos! Em sua aguda sabedoria, Santo Agostinho destrói a arrogante presunção de nossos “conhecimentos” com a sentença: “*Si nemo ex me quaerat, scio; si quaerenti explicare velim, nescio*” (Conf. XI, 14). Diante da simples questão: “o que é o tempo?”, o mestre de Hipona reconhece: se ninguém me pergunta, claro que sei o que é o tempo; se quiser explicar a alguém que me pergunta, absolutamente não sei o que é o tempo.

E o mesmo ocorre com todos os conceitos fundamentais. Quando Camões quer explicar o que é o amor, não encontra melhor formulação do que a dos versos:

...um não sei quê,
que nasce não sei onde;
Vem não sei como;
e dói não sei porquê.

A mesma dificuldade em externar em palavras, pude constatar inúmeras vezes em aula, em diversos níveis – do ensino médio ao doutorado – ao perguntar o que,

¹. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br

afinal, é a saudade (palavra da qual nos gabamos de ser só nossa, da língua portuguesa...). Nunca encontrei nenhuma resposta que atingisse, ainda que minimamente, a essência específica da saudade: uma dor gostosa!²

Claro que sabemos muito bem o que é a saudade, o amor e o tempo, mas é difícil explicitar em formulação concreta o que são.

Do mesmo modo, para situar nossa questão: sim, sabemos muito bem que há enorme influência africana na cultura brasileira (só “não sabemos”, no sentido de que não podemos precisar precisamente, “matematicamente” esses fatos...). Mas seria abdicar da Sociologia, negarmos evidências da experiência como as que Gilberto Freyre (2006), categoricamente, aponta em seu clássico *Casa Grande & Senzala*:

Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida, trazemos quase todos a marca da influência negra. (p. 366)

Tratando-se de pesquisar uma realidade natural qualquer, em geral temos acesso direto a ela: se quero saber a composição de uma amostra de sal, posso tomá-la em minha mão, levá-la a um laboratório e, submetendo-a aos procedimentos apropriados, descubro que contém tanto de sódio, tanto de cloro, de iodo etc. Posso analisar detalhadamente realidades mínimas, como o *Aedes Aegypti*, com poderosos microscópios; ou imensamente distantes, com telescópios (ou até enviar uma sonda a Marte para saber se há água lá) etc. Mas, as coisas se complicam quando se trata da realidade humana: o que é o amor, a inveja, a gratidão, a justiça...? Aí recaímos naquele saber-sem-saber agostiniano...

O que no modo de ser do brasileiro é herança africana? De que instrumento dispomos para sondar o coração humano?

Para ajudar-nos nessa tarefa, o filósofo alemão contemporâneo Josef Pieper propõe que a realidade humana só pode ser acessada por canais indiretos e, nessa linha, a linguagem é uma instância privilegiada para a antropologia filosófica (e para a sociologia). E também as instituições (a capoeira terá muito a nos dizer...), que pautam nossa vida, e os modos de agir humanos. A realidade humana como que se esconde, decanta-se nesses três “sítios”, esperando para ser resgatada.

Assim, se em Sociologia nem sempre podemos demonstrar por a+b o que afirmamos; por outro lado, as experiências – com a linguagem, instituições e os modos de agir – estão aí e podemos, com o grau de rigor e certeza próprios dessa ciência (que não é exata), tratá-las com alguns procedimentos metodológicos apropriados.

Outra complicação: é certo que “o brasileiro” não existe; existem os brasileiros concretos, com sua infinita e variada diversidade. Mas, sim, a Sociologia pode legitimamente (com as devidas ressalvas) falar em “o brasileiro”. Em primeiro lugar, como **tipo**: nunca esquecer que quando falamos, no neutro, sobre a influência *de “o africano” em “o brasileiro”*, estamos falando de tipos e não da realidade ela mesma (“*lo brasileño*” e não “*el brasileño*”).

E não será abusivo falar de “o africano” ou “o brasileiro”, em termos de *vigencias*³ (Ortega y Gasset), estas sim mais ao alcance da mão: aquela faixa (de

². Para o tema da saudade, veja-se a Nota em Apêndice em <http://www.hottopos.com/rih18/jeaneut.pdf>.

³. Para o tema dos tipos (o “brasileiro”) e das *vigencias*, veja-se Lauand, Jean “Espanha e Brasil: ‘las vigencias’”, Revista Internacional d’Humanitats N. 42, <http://www.hottopos.com/rih42/129-136Jean.pdf>.

relativa amplitude) de atitudes e comportamentos (de alimentação, vestuário, trato com o outro etc.) que são pressupostos por determinada sociedade e exercem pressão: os padrões *taken for granted* que regem a vida de todo mundo em dada comunidade.

Por exemplo, as vigências brasileiras quanto à pontualidade são muito mais flexíveis do que as britânicas, japonesas, alemãs ou americanas. E o mesmo se diga das vigências brasileiras, que permitem ampla margem de contato físico mesmo sem elevado grau de intimidade: beijinhos, abraços etc., que são impensáveis em outras culturas. E em uma advertência para brasileiros na Espanha, o jornal *El País*, apontava outros dois exemplos de vigências que surpreendê-los-ão em praias espanholas [a sunga ou o fio dental são tupiniquins]:

Chega a metade da tarde e você pensa em tomar uma cervejinha com queijo coalho ou uma caipirinha com camarão. Nos dias mais animados pensa que pediria um capeta pro moço e lembra como, nestes casos, acabava fazendo amigos.

Mas você abre os olhos e está em uma praia espanhola. Toca um sino e chega um carrinho vendendo a “merenda”. Dá a impressão de que é só pra crianças mas de repente toda a população de biquíni gigante e bermuda-à-meia-coxa se aglomera pra comprar café com leite e chá. Quente. Com bolinho de creme, pra merendar na praia (!!).

(https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/28/politica/1454003450_219630.html)

Baseado em vigências e tipos, havia (talvez seja retomado) um delicioso programa diário da RAI (ao vivo dos estúdios de Nápoles), *Zero e Lode*, que é um *quiz* no qual vence a equipe que der a resposta certa e menos óbvia (em relação a um prévio grupo de controle). O apresentador Alessandro Greco (informal e animadíssimo, como costumam ser os programas de auditório napolitanos) diverte-se surpreendendo a plateia com perguntas que (frequentemente) manifestam o contraste com as vigências do tipo “antagonista”: a sisudez britânica.



Assim, por exemplo, “Segundo a pesquisa da Universidade tal... – do Reino Unido – quais são as 10 gafes, que mais deixam uma pessoa embaraçada?” E, claro, nenhum napolitano, atinou com a resposta *Zero*, a resposta campeã absoluta: chegar atrasado a um encontro!! Do mesmo modo, “segundo a pesquisa da Universidade tal... – do Reino Unido – quais são as 20 coisas, que mais fazem uma pessoa feliz?” E, para assombro do público, “comer bem” não figurava na lista dos (bárbaros) britânicos!

I.1 *Collatio* na captura de um significado

Neste artigo praticaremos metodologicamente a *collatio*. Antes que possamos expressar em fórmulas nossos conceitos, e mesmo antes que os conceitos se formem, há uma operação que os antecede e os prepara: a apresentação de uma série de casos

diferentes, mas com um núcleo comum, e esse cotejamento, essa *collatio*, como que incuba os futuros conceitos e suas traduções em fórmulas verbais. É um convite à intuição (que pode ter suas dificuldades de explicitação verbal): antes de definirmos expressamente, por exemplo, o que é “*kitsch*” e antes mesmo de que aparecesse a palavra “*kitsch*”, já havia uma intuição de que havia algo em comum entre o pinguim de geladeira, o anãozinho de jardim, a jarra de água de plástico em forma de abacaxi etc. etc. etc.



A pessoa ainda não sabe formular em palavras o que é o kitsch, mas a *collatio* já o capturou e quando aparecer um novo espécimen é provável que ela o reconheça e o inclua entre seus pares na listagem...

I.2 Um tipo referencial: “o brasileiro” como ESFP (de David Keirsey)

Outro referencial metodológico importante para nosso tema são os estudos do psicólogo americano David Keirsey⁴, que, baseado nos *Tipos psicológicos* de Jung, criou uma tipologia de temperamentos, que temos procurado aplicar não só aos indivíduos, mas também a coletivos.

Nesse sentido, dentre os quatro tipos fundamentais de temperamento de Keirsey, “o brasileiro” enquadra-se no temperamento SP.

O site oficial de David Keirsey (<https://keirsey.com/temperament/artisan-overview/>), aponta as seguintes características dos SP:

- tendem a ser amantes do divertimento, otimistas, realistas e focados no aqui e agora.
- se orgulham em serem não-convencionais, corajosos, e espontâneos.
- são cônjuges brincalhões, pais criativos e líderes que “apagam incêndios”.
- são excitantes, confiam em seus impulsos, querem impactar, procuram estímulos, valorizam a liberdade e sonham em dominar habilidades de ação.

⁴. Uma boa exposição sobre a doutrina de Keirsey encontra-se em Lauand, João Sérgio, 2014.

Claro que para o temperamento SP (alegre, improvisador, espontâneo e lúdico), as disfunções estarão na linha da imaturidade e da irresponsabilidade.

Ao temperamento SP, devemos juntar os fatores E do par de opostos E/I, (Extrovertido/Introvertido) e F, do par de opostos F/T (*Feeling / Thinking*). F é a tendência a abordar as situações a partir de uma perspectiva pessoal, afetiva, priorizando laços emotivos que nos ligam às pessoas envolvidas no contexto; enquanto T é a abordagem fria, racional e objetiva, impessoal, na qual prevalece a norma e não as condições pessoais dos envolvidos.

Essa diferença é muito bem registrada no filme *The Iron Lady*, no qual Meryl Streep interpreta Margareth Thatcher, a dama de ferro, a dama T.



Já aposentada e fragilizada pela idade, o médico lhe pergunta como se *sente* e ela revela seu modo de ser T:

“How do you feel?”

“Don’t ask me how I feel. Ask me what I think. People don’t think any more, they feel. One of the greatest problems of our age is that we are governed by people who care more about feelings than they do about thoughts and ideas. Now, thoughts and ideas, that’s what interests me. (...) and I think I am fine”⁵

Se o SP, improvisador e não especialmente cumpridor de regras, já nos garante metade do “jeitinho” brasileiro, o fator F fornece a outra metade essencial do jeitinho: muitos impossíveis se resolvem com simpatia, com um sorriso, um “cair bem” para com o funcionário do outro lado do guichê, um suscitar a compaixão do burocrata de plantão etc. Um conhecido nosso foi pilhado certa vez na contra mão (ou “meio” contra mão..”, como dizem os SP) de um acesso à Av. Bandeirantes e sem cinto de segurança e a multa parecia inevitável. Nada a perder, ele pôs a melhor cara de transtornado: “Desculpe, seu guarda, mas é que estou indo ver minha sogra, que entrou na UTI, e estava um pouco desatento...”. Por sorte, o guarda se sensibilizou e tudo ficou só numa “áspera” repreensão verbal.

Um resumo do tipo ESFP é feito pelo próprio site de Keirsey:

Os ESFP têm a especial capacidade (mesmo entre os SP) de encantar o ambiente com seu calor, bom humor e com sua (frequentemente

⁵. “Como a senhora se sente?”

“Não me pergunte como eu me sinto, mas o que eu penso. Hoje ninguém mais pensa, as pessoas sentem. Um dos maiores problemas de nosso tempo é que somos governados por pessoas que preferem valorizar seus sentimentos em detrimento do pensamento e das ideias. Para mim, só contam pensamentos e ideias (...) e, doutor, eu penso que estou ótima”.

extraordinária) habilidade em música, piadas, imitações, interpretação teatral. No trabalho, com amigos, em família, os ESFP são excitantes e muito engraçados e seu interesse social é proporcionar aos outros um break nas preocupações e trabalho e se animarem e desfrutar da vida. São fonte de alegria e prazer para os demais. A eles se pode aplicar a sentença de Shakespeare: “o mundo todo é um palco”; são entertainers natos, amam a excitação de estar diante de uma “plateia”: quando chegam, em poucos minutos, tornam-se o centro das atenções. Sofrem se estão sozinhos e procuram (e, obviamente, acham) companhia. São agradáveis, falantes e espirituosos; sabem sempre as últimas piadas, trocadilhos, sacadas etc. Para os ESFP, a vida deve ser vivida intensamente e estão sempre ligados na moda, comida, bebida e música. Vívidos e desinibidos são “a alma da festa”, sempre tentando criar um ambiente de alegria, comer e beber... O talento do ESFP para gozar a vida é saudável na maior parte das vezes, mas também o faz mais sujeito a tentações do que os outros tipos. O prazer é um fim em si mesmo e a variedade é o tempero da vida: estão abertos a experimentar quase tudo que ofereça “a good time”, nem sempre avaliando bem as consequências. Como os outros SP, são otimistas incorrigíveis, sempre olhando para o lado bom e tentando ignorar, tanto quanto possível, problemas, aborrecimentos e preocupações, São os mais generosos de todos os tipos e em segundo lugar (o 1º. é o ISFP) em gentileza (kindness). O que é deles é seu também e não têm sentido de poupar: dão o que têm sem expectativa de retribuição. Veem a vida como uma permanente cornucópia, da qual vão brotando, inesgotavelmente, prazeres.

(no site oficial de Keirsey, trad. Publ. em Lauand, Jean org. *Uma introdução à tipologia de David Keirsey*. São Paulo: Factash, 2018).

I.3 Os SP em nossa cultura

A grande oposição entre os tipos de Keirsey dá-se entre os SJ e os SP. Os dois juntos perfazem cerca de 80% da população, com vantagem para os SJ. Ambos são realistas, mas enquanto o SJ é o tipo do dever, da responsabilidade, apoiado no passado e nas tradições, cauteloso e previdente, o SP é o impulsivo, voltado para o aqui e o agora (a palavra que o mata, diz Keirsey é: *wait*), o *carpe diem*, sem se preocupar com o passado e só com o futuro que está construindo no momento presente.

O SJ, que valoriza o passado e a experiência (e porque se apega à experiência) pode tender a um pessimismo (macaco velho...); já o SP vê a realidade como um risco que vale a pena.

Em nossa cultura ocidental, a maioria das fábulas e provérbios são para avaliar os valores SJ, embora no Brasil as vigências sejam da minoria SP.

Os SJ dirão: “Mais vale um pássaro na mão do que dois voando”. “De grão em grão a galinha enche o papo”. “Um homem prevenido vale por dois”. “Devagar e sempre”. “Pense duas vezes antes de agir”. “O seguro morreu de velho”. “Como está o mundo, aonde vamos parar?” “A pressa é inimiga da perfeição”. “Quem espera sempre alcança”. “Deus ajuda quem cedo madruga”.

Já o SP prefere outras expressões e provérbios como: “Quem não arrisca, não petisca”. “O que não mata, engorda”. “Mais vale um gosto do que seis vinténs”. “Quem não tem cão caça com gato”. “O amor é eterno... enquanto dura.” “Águas

passadas não movem moinhos”. “É agora ou nunca”. E expressões como: “Demorou!”, “Só se for agora” etc.

I.4 Os SP no folclore quimbundo

Se na moral de nossas fábulas, prevalecem valores SJ (os SJ dominam as escolas...) e a formiga, SJ, no final, se dá bem, a cigarra, SP, se dá mal; na tradição oral africana (embora se promovam também valores SJ) as coisas nem sempre são assim.

É interessante recolher aqui um par de pequenos contos do folclore quimbundo, nos quais os personagens que se saem bem são os SP. Recolhemos de *Contos Populares de Angola – Folclore quimbundo* (Moutinho, 2012) e são analisados sistematicamente em *A milenar arte da oratura angolana e moçambicana* (Nunes 2009), uma coletânea muito mais ampla.

O conto “Os dois construtores” (Moutinho, 2012, p. 63) e (Nunes 2009, 228) é música para ouvidos SP. No original quimbundo, oferecido por Chatelain (1894): *Mutunge a uhete ni mutunge a kusaneneka* [de acordo com o Dicionário Assis Júnior (1941) *uhete* – esmero; *kisaneneka* impetuoso, impulsivo no que faz]:

Os dois construtores

Dois homens têm o mesmo nome, Ndala. Porém, um é construtor habilidoso [esmerado, perfeccionista (Assis Júnior); da capacidade: *of ability* (Chatelain)] e o outro construtor rápido [impulsivo, impetuoso (Assis Júnior)]. Foram juntos para o trabalho. No caminho ameaçou tempestade. Pararam e disseram: – Vamos armar as tendas.

Ndala, o construtor rápido, terminou o trabalho e entrou na tenda.

Ndala, o construtor habilidoso, preocupou-se com a perfeição e quando chegou a tempestade morreu por não ter abrigo.

A mesma valorização do SP em “O passado e o futuro” (Moutinho, 2012, p. 19) e (Nunes 2009, 159-160)

O passado e o futuro

Dois homens caminhavam por uma estrada quando encontraram um vendedor de vinho de palma. Os viajantes pediram-lhe vinho e o homem prometeu satisfazê-los, mas com uma condição:

- Terão de me dizer os vossos nomes.

Um deles falou:

- Chamo-me *De onde Venho*.

E o outro: - *Para Onde Vou*.

O homem aplaudiu o primeiro nome e reprovou o segundo, negando a *Para Onde Vou* o vinho de palma.

Começou uma discussão, e dali saíram à procura do juiz. Este ditou logo a sentença:

- O vendedor de vinho de palma perdeu. *Para Onde Vou* é que tem razão, porque *De Onde Venho* já nada se pode obter e, pelo contrário, o que se puder encontrar está *Para Onde Vou*.

II. Algumas contribuições africanas para a formação do Brasileiro ESFP

Uma pista para robustecer nossas intuições sobre as contribuições africanas para “o brasileiro” é contrastá-las com vigências de regiões semelhantes, mas sem o diferencial da presença africana. Por exemplo, comparando as vigências do Brasil (ou, ainda melhor, da Bahia...) com as de Portugal; as de Salvador com as de Curitiba; etc.

Em nossa *collatio*, um primeiro exemplo incontestável.

O católico brasileiro, tipicamente ESFP (extrovertido, impulsivo e afetivo), ficou felicíssimo, depois do Vaticano II, com a introdução na liturgia da missa, pouco depois do Pai Nosso (“conforme a oportunidade”), do convite, feito pelo sacerdote aos fiéis: “Meus irmãos, saudai-vos uns aos outros em Cristo”.

Coeteris paribus, o católico, digamos, alemão, inglês ou japonês, discretamente fará um pequeno gesto, um aperto de mão ou uma reverência aos 3 ou 4 que o circundam, dirá “a paz de Cristo” e em poucos segundos a paz está dada. Agora, em uma missa da qual participei na Bahia, esse “dar a paz” era – mais África impossível – o ponto alto da cerimônia: um “arrastão” no qual cada um procurava cumprimentar efusivamente, com vagar, o maior número possível de irmãos. Mesmo sendo um visitante ocasional (e, como bom introvertido, sentindo-me deslocado), foram pelo menos 10 minutos em que fui abraçado, beijado (em alguns casos, cheirado...) etc. numa explosão de alegria, que, certamente, para nós brasileiros, é o melhor selo de garantia da paz do Senhor...

Recentemente o Papa Francisco, para coibir exageros, confirmou as indicações da Congregação para o Culto Divino que tornam mais sóbrio o “rito da paz”: proibindo o deslocamento dos fiéis e do próprio sacerdote etc. Resta saber, se no Brasil – e na Bahia – “vai pegar” (claro que não!).



Esse fator F do ESFP, potencializado pelo africano, perpassa todos os aspectos da conduta do brasileiro, como é o caso da vivência do tempo.

A tese de Gilberto Freyre em *O brasileiro entre os outros hispanos*: “O hispano pode vir a ser o mestre de uma sabedoria tida, durante séculos, no Ocidente, por hediondo vício: o vício da soberania do homem sobre o tempo, no gozo da vida e na apreciação dos seus valores, com as suas inevitáveis decorrências de impontualidade e de lentidão” é vista por Julián Marías como a introdução do ponto de vista pessoal (a pessoa) em tudo, até na língua. (1986, p. 350).

Marías exemplifica com a apropriação pessoal do tempo. Para além do tempo “objetivo”, do relógio, o brasileiro inventa o tempo pessoal: “amanheci triste” (não “a manhã” do relógio, do tempo impessoal), mas a minha manhã; o meu tempo, a hora de cada um, de Jesus Cristo (que diversas vezes fala de “sua hora”) ou de Augusto Matraga etc.

Claro que o brasileiro, junto com seus valores, traz consigo também suas mazelas, por vezes a outra face dos próprios valores. Neste sentido, um exemplo, que se aplica perfeitamente ao Brasil, e à ambígua dualidade do “homem cordial” (que como bem lembra Fernando Henrique Cardoso (2013): “é o homem do coração, que se opõe ao homem da razão. Cordial não quer dizer ‘bom’, quer dizer da ‘emoção’”)

É a dualidade da situação que se expressa na sentença de Tomás de Aquino: *iustitia enim sine misericordia crudelitas est; misericordia sine iustitia, dissolutio* (a justiça sem misericórdia é crueldade; a misericórdia sem justiça é dissolução) (*Catena Aurea in Matthaicum 5, 5*).

A sensibilidade para com a pessoa, o amor e a misericórdia do “homem cordial”, que tornam a vida possível – para além da crueza da estrita “justiça” –, são as mesmas que, quando não temperadas pela justiça, instalam a dissolução da sociedade, que, em nome do “deixa disso”, “deixa prá lá”, “coitadinho” etc., instala a corrupção, a impunidade, o patrimonialismo etc.: a dissolução.

Um exemplo dessa ambivalência do homem cordial dá-se na qualidade dos serviços oferecidos pelos brasileiros: é frequente, nos mais diversos setores, encontrarmos profissionais de altíssimo nível de relacionamento humano: simpatia, acolhimento, calor pessoal autêntico, enfim, excelentes qualidades “conaturais” a muitos brasileiros e que superam de longe o pessoal preparado por programas de treinamento que mecanizam um atendimento “cordial”. Lembro que logo que uma grande cadeia de *fast food* se instalou no Brasil, a brincadeira que fazíamos para “zoar” com os funcionários robotizados era pedir uma pizza de muçarela e, após ouvir, o estandardizado: “Foi um excelente pedido, senhor!”, ajuntávamos: “Não, pensando bem, troca por uma de calabreza!”, para ouvir a resposta: “Foi um excelente pedido, senhor!”⁶.

Nesse sentido, um dos fatos encantadores de nossa língua⁷ é precisamente chamar o trabalho de serviço (!): “vou para o serviço”, “ele está no serviço”.

⁶. O lado negativo é (além das já citadas impontualidade e lentidão) a falta de sentido de compromisso e de responsabilidade: é assustadora a sem-cerimônia com que se atrasa (ou mesmo se deixa de comparecer) ao horário agendado com o barbeiro ou a podóloga (e vice versa: você chega no horário agendado e tem de esperar meia hora ou mais...) e isso, muitas vezes, sem sequer se dar ao trabalho de telefonar desmarcando... As vigências assim o permitem.

⁷. Fato que não passou despercebido ao Papa João Paulo II, que, em discurso aos trabalhadores em São Paulo (3-7-80) disse: “O trabalho é um serviço, um serviço a suas famílias, e a toda a cidade, um serviço no qual o próprio homem cresce na medida em que se dá pelos outros.” (http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1980/july/documents/hf_jp-ii_spe_19800703_operai-brasile_po.html) Acesso em 3-1-19.

Um milhão de estrangeiros de 203 nacionalidades visitaram nosso país na Copa do Mundo e para mais de 60% deles era sua primeira visita ao Brasil. Quantos países no mundo poderiam exibir uma avaliação sobre os anfitriões (pesquisa DataFolha) com 98% no quesito simpatia; 95% em receptividade e 95% de ótimo ou bom quanto à hospitalidade? (<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/176159-copa-do-mundo.shtml>).

A outra face dessa moeda é a prepotência de muitos ricos, madames e “bacanas”, e seu desprezo pelo serviço e pelos mais humildes. Os supermercados de bairros nobres de São Paulo são todo um laboratório da mentalidade de nossas “elites”.

Certa feita, em um desses estabelecimentos, sem querer, derrubei um pacote de salgadinhos de uma prateleira. Ao abaixar-me para apanhá-lo, uma madame interveio energicamente: “Não faça isso...!”. Eu, erradamente imaginei que ela estava condoída de minhas dificuldades motoras (andador etc.), até que ela completou: “Eles’ [a senzala] é que têm que fazer isso!”. A casa grande não podia abrir precedentes para a senzala. Por isso, outra das regras tácitas é não agradecer e – jamais, sob hipótese alguma – desculpar-se com algum escravo.

Nesse mesmo estabelecimento, atrás de mim, no caixa para um máximo de 10 volumes, estava uma madame pondo sob a esteira muitos mais produtos do que o estabelecido. A mocinha do caixa, timidamente, avisou: “Senhora, o máximo aqui são dez volumes”. Ignorando completamente a advertência, a senhora continuou a descarregar. A mocinha, com voz ainda mais baixa, tornou a avisar. E como a madame insistisse em ignorar, resolvi intervir drasticamente: “A senhora não ouviu o que ela disse: o máximo são dez volumes?”. Do alto de sua superioridade e com um sorriso misto de condescendência e desdém (pela “traição” que eu, como branco, estava cometendo), ela ajuntou: “Mas minhas compras não chegam a dez volumes...” Pensei em armar uma bela confusão, chamar o gerente etc. mas detive-me ante o desfecho óbvio que o caso teria: punição para a mocinha do caixa...

Nem é preciso dizer que, nesses estabelecimentos, as vagas de deficientes e idosos nunca são respeitadas e já presenciei um funcionário receber humilhações e pesados insultos por pedir o devido cartão a um cliente.

Bem diferentes são as coisas no Lava-rápido do japonês do Jardim Bonfiglioli: o dono “pega no pesado” junto com os empregados, sem o menor constrangimento. A Dra. Chie Hirose fez-me notar que o Japão, um país sem as marcas históricas da escravidão, produz essa cultura, capaz de limpar lixo dos outros nos estádios, como – perplexos – vimos na Copa...!

Nunca se diz não. Uma manifestação dessa “cordialidade” é a (para efeitos verbais...) suavidade brasileira (que infelizmente vai se perdendo, também ao sabor de radicalismos políticos maniqueístas e a disseminação do tom de ódio nas redes sociais). Se um brasileiro diz a outro brasileiro “aparece lá em casa qualquer hora para almoçar”, o interlocutor entende que (assim, sem enfática insistência) não se trata de um verdadeiro convite, mas de mera cortesia verbal. Já um interlocutor estrangeiro pode responder, de agenda na mão: “e quando pode ser?”.

Se um brasileiro recebe um convite descabido – “- Faça questão que você vá na cerimônia de formatura de minha sobrinha neta na Educação Infantil” – ele nunca dirá um “não” (em nossas *vigencias* não cabe o não), mas responderá: “- Com certeza!”, “- Óooopa!” ou qualquer outra forma absolutamente afirmativa (mas que significam realmente um claro não). Em Espanha, onde as coisas são diretas, a avó coruja vai ouvir um sonoro: *¡No!* ou *¡Que no!*, talvez seguido de um palavrão-interjeição (muito mais autorizados pelas *vigencias* de lá) *¡Que no, jo&*#!*, ou *¡Que no, co&*!*

II.1. A alegria e o lúdico

A alegria é mais um patrimônio afro nosso, tanto maior quanto mais afro for a região. Falando da Bahia e dos baianos (e do Nordeste e do Brasil em geral), Julián Marías escreveu um precioso artigo “*Bahía, la vocación de la alegría*” (1986) fala da alegria como vocação (“no mercado de Olinda, que é um mercado pobre, há mais alegria que em toda a Suíça!”) e diz que até viu alguns baianos tristes:

Mas percebi que o estavam também porque *pretendiam* a alegria, porque sentiam que era algo que lhes pertencia e lhes tinha sido alienado. Isto é o que é decisivo e evidente: os baianos têm *vocação de alegria*, que lhes parece ao mesmo tempo seu direito e seu dever. (1986, pp. 226-227).

Alegria brasileira que se expressa, transborda no indefectível sorriso de um Martinho da Vila, de uma Selminha Sorriso ou de um Neguinho da Beija Flor (mesmo na grave doença)...

O lúdico impera. A piada, o trocadilho, a tirada são imensamente apreciados e têm livre trânsito em nosso convívio. Piada que quebra as barreiras da impessoalidade no trato e – para o bem e para o mal – a seriedade das instituições. Lembro-me, por exemplo, que, na infância, todo colégio estadual ganhava um epíteto rimado da garotada: “Colégio Estadual Brasília Machado, entra burro e sai tapado!”, “Colégio Estadual Vila Clementino, entra burro e sai cretino!” Etc.

O lúdico atinge limites imprevisíveis. Até em casos de desastrosas enchentes, chegamos, por vezes, a encontrar na TV, entre as vítimas, um toque lúdico em meio à desgraça. Como diz o certeiro e intrigante verso – toda uma definição do Brasil – de Chico e Vinicius: “a alegria que não tem onde encostar”, da canção “Gente Humilde”.



Estamos tão acostumados ao lúdico que nem sequer notamos seus exageros, impensáveis em outras latitudes: em que outro país do mundo seria possível imaginar que a Receita Federal se apresentasse oficialmente como leão?!!



II.2. A linguagem afetiva e da vida

Um setor, de inegável influência africana no Brasil, é o da exuberância ao externar afetividade: explosão de carinhosa extroversão (o que pode, perfeitamente, conviver com as estatísticas que situam o Brasil entre os países mais violentos do mundo...).

A ama negra fez muitas vezes com as palavras o mesmo que com a comida: machucou-as, tirou-lhes as espinhas, os ossos, as durezas, só deixando para a boca do menino branco as sílabas moles. Daí esse português de menino que no Norte do Brasil, principalmente, é uma das falas mais doces deste mundo. Sem *rr* nem *ss*; as sílabas finais moles; palavras que só faltam desmanchar-se na boca da gente. A linguagem infantil brasileira, e mesmo a portuguesa, tem um sabor quase africano: *cacá, pipi, bumbum, tentém, nenem, tatá, papá, papato, lili, mimi, au-au, bambanho, cocô, dindinho, bimbinha*. Amolecimento que se deu em grande parte pela ação da ama negra junto à criança; do escravo preto junto ao filho do senhor branco. Os nomes próprios foram dos que mais se amaciaram, perdendo a solenidade, dissolvendo-se deliciosamente na boca dos escravos. As Antônias ficaram Dondons, Toninhas, Totonhas; as Teresas, Tetés; os Manuéis, Nézinhos, Mandus, Manés; os Franciscos, Chico, Chiquinho, Chicó; os Pedros, Pepés; os Albertos, Bebetos, Betinhos. Isto sem falarmos das Iaiás, dos Ioiôs, das Sinhás, das Manus, Calus, Bembens, Dedés, Marocas, Nocas, Nonocas, Gegês. (Freyre 2006, p. 331-2).

Nesse sentido lembro-me que, ainda criança, acompanhando em álbuns de figurinhas, as copas de 58 e 62, já me chamava a atenção que, enquanto todo o resto do mundo era composto só de nomes ou sobrenomes, o time do Brasil tinha apelidos: Didi, Vavá, Pelé, Garrincha, Pepe, Dida, Zito...

Prossigue mestre Freyre (2006, p. 416-417):

Nenhuma influência foi maior que a do negro. As palavras africanas hoje do nosso uso diário, palavras em que não sentimos o menor sabor arrevesado do exótico, são inúmeras. Os menos puristas, escrevendo ou falando em público, já não têm, como outrora, vergonha de empregá-las. É como se nos tivessem vindo de Portugal, dentro dos dicionários e dos clássicos; com genealogia latina, árabe ou grega; com pai ou mãe ilustre. São entretanto vocábulos órfãos, sem pai nem mãe definida, que adotamos de dialetos negros sem história nem literatura; que deixamos que subissem, com os moleques e as negras, das senzalas às casas-grandes. Que brasileiro – pelo menos do Norte — sente exotismo nenhum em palavras como *caçamba, canga, denngo, cafuné, lubambo, mulambo, caçula, quitute, mandinga, moleque, camondongo, muganga, cafajeste, quibebe, quengo, batuque, banzo, mucambo, bangüê, bozô, mocotó, bunda, zumbi, vatapá, caruru, banzé, jiló, mucama, quindim, catinga, mugunzá, malungo, birimbau, tanga, cachimbo, candomblé*? Ou acha mais jeito em dizer “mau cheiro” do que “catinga”? Ou “garoto” de preferência a “moleque”? Ou “trapo” em vez de “mulambo”? São palavras que correspondem melhor que as portuguesas à nossa experiência, ao nosso paladar, aos nossos sentidos, às nossas emoções.

O *Aurélio* apresenta cerca de 500 palavras brasileiras de origem africana ou tomadas do quimbundo, uma das línguas de Angola que mais contribuiu para o português do Brasil. Recolho algumas: cabaço, caçamba, cachimbo, cacimba, caçula, cafife (de ficar encafifado), cafuné, camundongo, candango, canjica, caolho, carimbo; calombo, capanga.

II.3. Diminutivos por toda parte, até para aumentar

Selecionei as palavras acima, começadas por *ca*, para comentar um dos misteriosos encantos das línguas bantu (diversas línguas subsaarianas): o léxico se apresenta organizado em classes (em geral, dez), cuja primeira sílaba (sing. ou pl.) já indica também em qual setor da realidade (ser humano, animal, instrumento, categoria abstrata, ação verbal etc.) se encontra aquela palavra (em geral, claro que há exceções).

Assim, no quimbundo, a 10ª classe, a importante classe dos diminutivos tem como classificador precisamente *ca*: *ca-rimbo* é uma marquinha; *caolho* é híbrido: o diminutivo quimbundo *ca* + port.: **olho**.

No clássico *Raízes do Brasil*⁸, Sérgio Buarque de Holanda ao fazer a importante sugestão da linguagem para a compreensão do brasileiro – “um estudo atento das nossas formas sintáticas traria, sem dúvida, revelações preciosas” – o próprio autor ilustra o caráter revelador da linguagem com nosso uso dos diminutivos (certamente potencializado por influência africana):

Nosso pendor acentuado para o emprego dos diminutivos. A terminação ‘inho’, aposta às palavras, serve para nos familiarizar mais com as pessoas ou os objetos e, ao mesmo tempo, para lhes dar relevo. É a maneira de fazê-los mais acessíveis aos sentidos e também de aproximá-los ao coração”. (ed. cit.)

Para ficarmos com alguns exemplos, fomos educados a atenuar tudo com diminutivos; assim, até alguns dos enormes e sangrentos espetos do rodízio de carnes são diminutivos de carteirinha, como “maminha” e “fraldinha”; e muitos outros viram diminutivo ao serem oferecidos, “coraçozinho” e “franguinho”, acompanhados talvez de uma “caipirinha”, que sempre dá uma animadinha para manter aquele papinho etc. Até nossos criminosos e contraventores são afetivamente designados por Carlinhos Cachoeira, Fernandinho Beira Mar, Marcinho VP, Marcola etc.

O mais curioso no quimbundo é que a 10ª. classe, a dos diminutivos é também a mesmíssima dos aumentativos. A palavra conhecida nossa, *Kalunga*, é apresentada pelo clássico Alexis Kagame, como um dos diversos nomes conferidos a “Deus” nas línguas bantu: *lunga* (*ku-lunga*, 8ª. classe, ação verbal) é juntar, e assim Deus é o diminutivo/aumentativo: aquele que, por excelência, junta: o “juntadorzão” (não esqueçamos que, em nossa tradição cristã, o diabo, *diábolos* é aquele-que-separa).

Antes de ficarmos perplexos ante a dúvida de se Deus é juntador (zinho ou zão), recordemo-nos que, nós mesmos também usamos o diminutivo como aumentativo! Quando o pão de queijo acaba de sair do forno e está em sua máxima temperatura, dizemos: “aproveita, que está quentinho”. Se o filho é idêntico ao pai, é igualzinho; a moça extremamente apaixonada está “caidinha” pelo rapaz e o jogador

⁸ Citarei pela ed. eletr. <http://filosofiabrasileiracefib.blogspot.com.br/2013/01/sergio-buarque-de-holanda-cap.html>. Acesso em 3-1-19.

que maximamente pontua no basquete é o “cestinha”. Uso que é pura influência africana ou, ao menos, por ela potencializada.

II.4. A flexibilização do “ter”

Uma das mais impressionantes marcas africanas foi nos sugerida por uma questão do ENEM 2018:

Questão 53 (Enem 2018 – Dia 1)

Em algumas línguas de Moçambique não existe a palavra “pobre”. O indivíduo é pobre quando não tem parentes. A pobreza é a solidão, a ruptura das relações familiares que, na sociedade rural, servem de apoio à sobrevivência. Os consultores internacionais, especialistas em elaborar relatórios sobre a miséria, talvez não tenham em conta o impacto dramático da destruição dos laços familiares e das relações de entreajuda. Nações inteiras estão tornando-se “órfãs”, e a mendicância parece ser a única via de uma agonizante sobrevivência.

COUTO, M. E se Obama fosse africano? & outras intervenções. Portugal: Caminho, 2009 (adaptado).

Em uma leitura que extrapola a esfera econômica, o autor associa o acirramento da pobreza à

Resposta correta

- b) Fragilização das redes de sociabilidade.

O que verdadeiramente temos não é a posse férrea do capitalismo, mas a riqueza do compartilhar.

É o que expressa uma palavra bantu que tornou-se famosíssima e que contém enorme carga de significado: *ubuntu*. Nas últimas décadas, *ubuntu* assumiu avassaladoramente a mídia, por conta da luta contra o *apartheid* na África do Sul. Nelson Mandela foi considerado a própria personificação do *ubuntu*, e o bispo, Nobel da Paz, Desmond Tutu criou a *Ubuntu theology*.

Mberia (2015) mostra a difusão da palavra *ubuntu* (/ suas variantes) em diversas línguas bantu, remetendo-a ao Proto-Bantu (!) e existente na própria origem dessas línguas, na região entre Nigéria e Camarões (p. 113). *Ubuntu* pertence a uma especial classe abstrata, originariamente significando *humaness / humanity* (p.113).

Em seus 5000 anos de história, a palavra foi ganhando contornos semânticos e, especialmente no sul da África, passando a significar não só a humanidade (como conjunto dos seres humanos), mas sobretudo aquilo que faz com que um homem seja homem: o ideal personificado por Mandela.

The semantic field of “ubuntu” in South Africa has expanded transforming it from an ordinary word to an idea, an ideal, a philosophy and a potential political, social and economic tool. The semantic expansion and especially the direction it has taken has come about due to the unique and momentous challenges that people in Southern Africa, and especially they have faced both as individuals and as communities. That is the nature of language: it is affected by and adjusts to its environment. (Mberia 2015, p. 113)

O significado de *ubuntu* é assim resumido por Oppenheim:

A palavra *ubuntu* vem da cultura Xhosa/Zulu, a comunidade na qual Nelson Mandela nasceu e se resume na frase “*Umntu ngumuntu ngabantu*” (...) “uma pessoa é pessoa por meio de outras pessoas” ou “Eu sou porque nós somos” (cit. por Mberia 2015, p. 105).

Na famosa entrevista de 2006 ao jornalista sul africano Tim Modise (cf. p. ex. <https://www.youtube.com/watch?v=HED4h00xPPA>), o próprio Mandela fala sobre o significado de *ubuntu*:

Entrevistador: Muitos o enxergam como a personificação de ubuntu, como você entende o que é ubuntu?

Nelson Mandela: Antigamente, quando éramos jovens, um viajante que parasse numa aldeia não teria que pedir por água ou comida. Bastava ele chegar e as pessoas o atenderiam, dar-lhe-iam comida. Este é um aspecto do ubuntu mas há vários outros. Respeito, solicitude, compartilhar, comunidade, cuidar, confiar, abertura para o outro: uma única palavra pode significar tanto e é o espírito do ubuntu. Ubuntu não significa que alguém não deva ocupar-se de si, mas a questão é: ao fazer isso é para promover a comunidade a seu redor e promover a melhora dela?

Precisamente para questionar a (afinal de contas, absurda) imensa rede de posses em que nossa sociedade se encontra instalada é que se dá uma das mais encantadoras formas do português brasileiro.

Trata-se da criação de um segundo modo, alternativo e dominante entre nós, para o frio e duro verbo “ter”.

A forma portuguesa (e a espanhola) do “ter” – ao contrário do inglês, alemão, francês ou italiano, que têm formas relativamente *light*, correspondentes ao latino *habere* – deriva da antipática e agressiva *tenere*: “segurar”, “agarrar”, “pegar”... (Houaiss), no mesmo sentido em que “garfo” em espanhol é *tenedor*: aquele que tem, segura, garfa e não larga; como a *tenaz* com que o ferreiro agarra e prende sua peça. E não podemos contar com o particípio “tenente”, porque se especializou em linguagem militar.

Ao que tudo indica, também por influência africana – calcada na forma quimbundo *kukala ni* (?) – o português do Brasil criou uma suave e deliciosa alternativa para “ter”: **estar com**. Na vida comunitária, é muito menos acentuada a demarcação de posse. Como também, pelo amor, numa família, recai-se na sentença da parábola de Cristo: “Tudo que é meu, é teu”. Certamente, na prática, há brigas entre os irmãos porque um pegou o que era do outro etc. Mas se tudo corre bem, numa família não são necessários tantos cadeados e chaves. E há, pelo menos uma ampla gama de objetos que são indiscutivelmente de todos: o grampeador, a tesoura, o carregador do celular, a pasta de dentes... Para esses objetos, não teria sentido dizer “ter”, mas *kukala ni* - “estar com”: “Você está com a tesoura?” “Quem está com o grampeador?”. (Já na firma, a tesoura e o grampeador ficam ligados a uma correntinha...)

Assim, a linguagem brasileira estendeu essa fraternidade, substituindo em muitos casos o verbo “ter” pela locução “estar com” (o que não ocorre em Portugal

nem na Espanha): “Você está com tempo?; está com febre?; está com pressa?; está com dinheiro?; está com carro?...” (o espanhol diria *tienes tiempo, tienes fiebre...*). O brasileiríssimo “estar com” é uma forma muito mais simpática, muito mais solta, pois aplica-se mais propriamente a “posses” casuais, as posses provisórias de algo que no fundo é tão meu quanto teu, ou melhor, é de todos nós. Ao menos, no âmbito da linguagem...

III. A capoeira como *visão de-mundo* – entrevista com Mestre Duquinha

Para complementar esta conferência, recolho neste tópico, trechos de uma entrevista que fiz com Duquinha, nome de batismo na capoeira do Prof. Dr. Eduardo de Andrade Veiga, discípulo do lendário mestre Bimba. A capoeira, a *Weltanschauung* da capoeira, é a objetivação da resistência (inaparente) do escravo, que não pode mostrar agressividade e se protege, refugiando-se no neutro (por vezes, letal) da ambiguidade da capoeira. Trata-se de evitar “a aparência” de confronto, daí o título da entrevista “Ou mato ou morro” (ou me escondo no mato, ou fujo para o morro). Assim, a capoeira se “joga”, se “brinca”, não é arte marcial, nem se apresenta como luta... A entrevista foi realizada há 20 anos, em 20-10-99, para celebrar o centenário de nascimento de Bimba e teve enorme difusão, traduzida pelo site francês Capoeira-Palmares, é linkada no verbete “Capoeira” do Wikipedia francês. A entrevista original, em português, pode ser lida em <http://portalcapoeira.com/capoeira/publicacoes-e-artigos/qou-mato-ou-morroq-capoeira-como-weltanschauung>

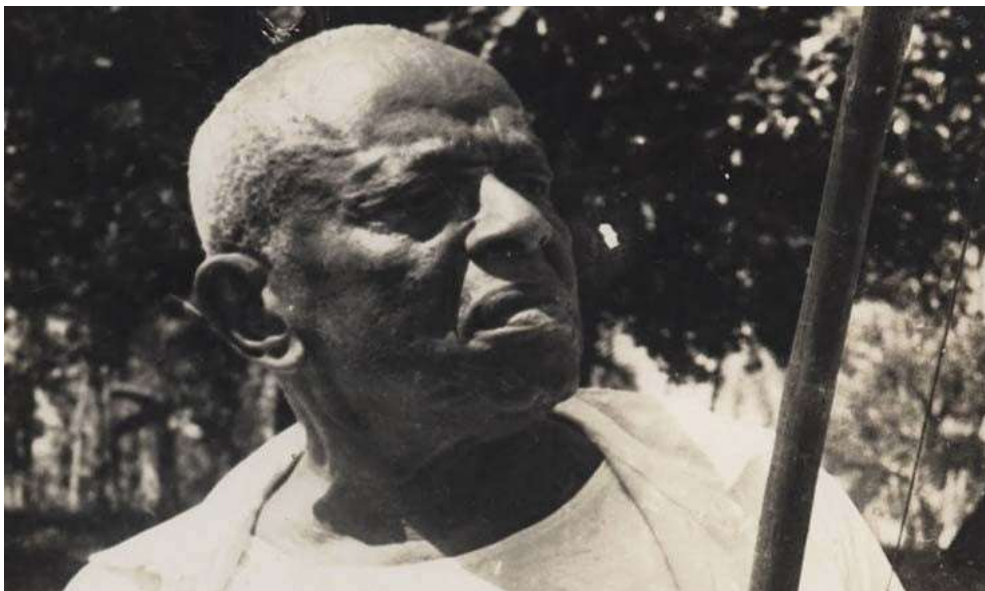
JL: Poucos capoeiras refletem sobre sua arte e poucos intelectuais conhecem “por dentro” a capoeira. Nessa sua situação privilegiada – você foi assistente de Mestre Bimba e, por outro lado, vice-reitor de universidade (UFB) – poderia falar-nos de como começou nessa arte e da capoeira como *visão-de-mundo*?

EAV: Comecei a jogar capoeira (quero observar, desde já, que capoeira “se joga”: não é “arte marcial” de iniciativa agressiva; depois voltaremos a falar disso) ainda bastante jovem, em meados da década de 40, “vestindo farda” do Colégio dos Maristas de Salvador e ingressei na capoeira como atividade complementar de minha formação pessoal. Escolher Mestre Bimba era seguir um caminho natural de excelência: Bimba já estava consagrado como grande capoeirista.

Por estranho que pareça, a Academia de Mestre Bimba ficava na “Laranjeiras”, na época, a conhecida rua do meretrício. Só andar nesta rua já significava aprender: para chegar à Academia, era necessária a disposição de enfrentar eventuais problemas: a calçada era estreita, só uma pessoa podia passar e não raramente algum “valentão” – dos da zona – podia provocar... De modo que nós íamos pelo meio da rua.

Assim, a própria localização da Academia já servia para ir ensinando duas lições, muito úteis para a mentalidade do capoeira: evitar o confronto desnecessário (no caso, evitar o passeio estreito) e evitar expor-se inutilmente ao perigo (passar perto das portas, de onde poderia surgir agressão de surpresa). [...]

A sentença que cunhei – um tanto jocosamente – “Ou mato ou morro” (no sentido de “*Ou me escondo no mato, ou fujo para o morro...*”) – indica em sua formulação literal a temerária atitude de coragem irresponsável; já a jocosa interpretação poderia ser mal-entendida como pura e simples covardia. Na verdade, a capoeira não é nem uma coisa nem outra. A capoeira surge como objetivação, como consubstanciação da mentalidade do escravo, submetido a uma situação de desesperada injustiça e sem ter a quem recorrer ante o arbítrio de seus dominadores.



Mestre Bimba - <http://memorialdademocracia.com.br/card/academia-de-mestre-bimba-e-reconhecida>

Que defesa cabe em uma tal situação? Como sobreviver? Assim, desenvolveu-se entre os escravos – de modo mais ou menos inconsciente, mas profundamente racional – uma técnica, uma arte, um jogo, um jeito (ou talvez o único jeito) de ser e viver (ou sobreviver...). Isto corresponde a duas situações historicamente vivenciadas: a de enfrentamento direto dos desesperados escravos com o poderoso sistema dos senhores (“mato ou morro” no sentido literal) e o esquivar-se a qualquer confronto (esconder-se no mato), buscando o mato como espaço sobre o qual é possível uma forma de vida independente: os quilombos (é interessante observar que já os holandeses surpreendiam-se com a familiaridade, a facilidade, a desenvoltura com que os escravos transitavam pelos matos e morros...). Essa atitude é a base da capoeira. Subtrair-se ou, ao menos, procurar minimizar os horrores da escravidão, em busca de uma vida livre e digna (na medida do possível, evitando o desigual enfrentamento). Assim se compreendem certas “regras” (naturalmente, não escritas...) da capoeira em sua forma originária (a que deu origem a grandes mestres como Bimba), como por exemplo:

- *Prontidão em observar o adversário e o ambiente.* Como não se trata de iniciativa de agressão, mas de esquivar-se de um possível dano, é pela atenta observação que se vê a real dimensão do perigo e as rotas de fuga. Por exemplo, o capoeirista deve observar se o potencial agressor (e para o escravo - desde o “boçal”, recém desembarcado dos navios negreiros, ou o “ladino” ou “crioulo”, já aclimatados – qualquer branco é um potencial agressor...) está de paletó aberto ou fechado (se aberto, há a possibilidade de ele sacar rapidamente uma arma...).

- *Fazer sempre o papel do agredido ou do inocente.* Como sua situação é de total desamparo social e jurídico, ser tido por agressor equivale à morte. Daí a malícia do capoeira: ele bate, mas como quem está apanhando; se recebe um golpe deve gritar e chorar como se a dor fosse muito superior à real, provocando compaixão ou desprezo... Pode desfazer-se em súplicas de misericórdia enquanto prepara um golpe fatal...

- *Enquanto não mata, a pancada é suportável.* Em todo caso, sempre há uma expectativa e, na primeira oportunidade real, o capoeirista aplica o seu golpe (daí a necessidade da rapidez e do reflexo, inclusive a partir de situação de imobilidade). Em outra formulação jocosa: na primeira oportunidade não é que ele dá o troco, ele “fica com tudo”...

Naturalmente, há diversos níveis de “capoeirismo”, adaptados aos diversos graus de “encurralamento” social... Em qualquer caso, essa malícia para a luta, essa arte enquanto técnica, encontra uma representação simbólica no jogo entre amigos, que brincam capoeira (agora transformada em arte mesmo), entre ritmos, danças e cantos:

“Água de beber.
É água de beber camarada...”

A estética substitui a violência e, também nesse sentido, pode-se falar de uma educação pela capoeira, independente de qualquer propósito de defesa ou ataque. Sobrevive a capoeira mesmo fora de um contexto de escravidão: ela, por assim dizer, ganha vida própria e emancipa-se das desumanas situações que lhe deram origem.

Por outro lado, muitos aspectos das relações de trabalho nacional (e, como se sabe, também do sincretismo religioso ou do futebol etc. etc.) são afins à mentalidade que estamos descrevendo. Não se trata só da escravidão formal; num caso extremo, “prática capoeira”, hoje, um trabalhador mal pago que faz “corpo mole” e conscientemente busca esforçar-se o mínimo possível (guardando, naturalmente, na presença do chefe, as formas externas de prontidão, solicitude, integração na firma etc. etc.). Um *boy* é encarregado de entregar uma correspondência urgente num endereço que requer uma hora de percurso. Ele acata solícitamente a ordem, sai com presteza e, mal virada a primeira esquina, já começa a treinar malabarismo, girando – com arte e maestria – a pasta na ponta do indicador direito; penteia-se ante as vitrines das lojas; no primeiro fliperama, desenvolve outras habilidades etc. Quando, após três ou quatro horas, retorna, queixa-se de dor de cabeça (o trânsito infernal, manifestações de greve...) e pede à secretária o reembolso do (pretense) táxi que teve que tomar (“como o chefe falou que era urgente...”).

Neste, e em tantos outros aspectos, a capoeira – totalmente incorporada à mentalidade nacional – é uma importante chave de interpretação do Brasil. Não se trata de “malandragem” ou preguiça, mas de um fenômeno complexo que inclui uma escravidão que persiste disfarçadamente: por que o escravo vai empenhar-se em algo que – de nenhum modo – lhe pertence ou beneficia? E não esqueçamos que “escravo” é um conceito relativo: só cessa de haver escravo, quando cessa de haver feitor... É nessa linha que se encontra o agudo pensamento de autores como Anande das Areias e Nestor Capoeira.

É evidente que a capoeira traduz realidades muito distintas das veiculadas por artes marciais, digamos, como o jiu-jitsu, caratê ou de ninjas & cia. O Brasil é diferente; o brasileiro procura não chocar de frente: ele pode te destruir, mas sempre com ares de vítima ou de quem não quer nada...

Evidentemente, toda essa mentalidade de que estamos falando pode degenerar em uma grave situação de caos – como aconteceu no final do século passado com as “maltas” capoeirísticas do Rio de Janeiro ou como acontece hoje com alguns políticos brasileiros... Daí o valor de Mestre Bimba que, como líder carismático, procurou racionalizar um código de honra e criar uma elite de capoeira: praticar a arte do escravo com a alma do príncipe! Quem não se dedicasse seriamente ao estudo ou ao trabalho, estava excluído da academia. Aliás, diga-se de passagem, muitos escravos negros provinham de famílias nobres africanas e, alguns, com nível cultural muito superior ao de seus senhores.

[...]

Eu, em minha vida pessoal e também como professor (e professor de professores), sempre me remeto à capoeira como metáfora da vida: viver é capoeirar. E há também uma mentalidade de capoeira, mesmo quando você não é o oprimido. Uma vez, há muitos anos, um ladrão invadiu minha casa: eu e minha mulher acordamos com o sujeito ameaçando-nos com uma barra de ferro. Nem sei como, de um pulo já estava ao lado dele que, assustado, fugiu. Eu fui atrás, com muito furor, mas só até a porta: daí em diante, “persegui-o” um pouco, mas não para alcançá-lo (isso é capoeira pura), era só para estimulá-lo a fugir: rápido e para longe. Como consegui dar aquele pulo? Não sei! Inconscientemente, eu tinha me programado (capoeira é observação e antecipação) para, numa situação dessas, “virar um bicho” (um ladrão, por definição, não teme tanto a um homem, mas não há homem que não tema um bicho...)

Resumindo, eu diria que a capoeira, sim representa uma visão de mundo, marcada por um conjunto de atitudes de defesa em situação de forte desigualdade: seja o oponente um feitor; um governo (há empresas que praticam contra o governo a capoeira fiscal...); um professor, pai ou sargento opressor; um sequestrador (li recentemente no Estadão as indicações da polícia para o caso de você ser sequestrado e era um “manual de capoeira”: indicavam por exemplo, não encarar, não discutir, dormir só quando o sequestrador estiver acordado e vice-versa, etc.). Serve mesmo para o mundo como um todo, sempre ameaçador à fragilidade humana. Por isso, encontram-se traços de capoeira em qualquer cultura em que haja situações de opressão. A capoeira não se baseia na agressão positiva nem na mera resignação passiva; é a defesa racional levada ao limite do possível, na inaparência de jogo, ginga e lúdico.

Referências bibliográficas

Assis Júnior, Antonio de **Dicionário Kimbundo Português**. Luanda: Argente, Santos & Cia., 1941.

Cardoso, F. H. **Pensadores que inventaram o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras: 2013 (cito pelo e-book)

Chatelain, H. **Folk-tales of Angola**. Pub. for the American Folk-lore Society by Houghton Mifflin and company; [etc., etc.], Boston and New York, 1894.

Freyre, Gilberto **Casa Grande & Senzala**, São Paulo: Global, 2006

Keirse, David **Site oficial**. 2014 www.keirse.com

Lauand, Jean A expressividade do brasileiro. **Revista Internacional d'Humanitats**. São Paulo/Barcelona, N. 28, 2013 <http://www.hottopos.com/rih28/05-30JeanFlb.pdf>

Lauand, João Sérgio **Personagens Ficcionalis. Tipos de David Keirse e a Educação**. São Paulo: Factash. 2014. www.hottopos.com/ebooks/LivroJSLauKeirse.pdf

Marías, J. **Hispanoamérica**. Alianza: Madrid, 1986.

Mberia, Kithaka wa Ubuntu: linguistic exorations. **International Journal of Scientific Research and Innovative Technology** Centre for Promoting Knowledge (CPK) Vol. 2 No. 1; January 2015, pp. 103-115.

Moutinho, José Viale (org.) **Contos populares de Angola. Folclore quimbundo**. São Paulo: Aquariana, 2012.

Nunes, Susana Dolores Machado **A milenar arte da oratura angolana e moçambicana**. Aspectos estruturais e receptividade dos alunos portugueses ao conto africano. Porto: Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto, 2009. https://www.africanos.eu/images/publicacoes/livros_electronicos/EB015.pdf

Recebido para publicação em 16-05-19; aceito em 21-06-19